

Alda Correia

Centro de Estudos Anglísticos

### Representações literárias da imagem da felicidade

Numa época em que os estudos literários passam por uma evidente crise de identidade, reflectir sobre a relação literatura/felicidade é um desafio estimulante. Como pode a literatura, que partilhava até há pouco tempo com a felicidade a impossibilidade de quantificação e rentabilização imediata, trazer algum contributo para o bem estar e o progresso/crescimento pessoal e social? Uma das primeiras respostas à questão encontra-se em Epidaurus, na Península do Peloponeso onde o santuário de Asclépio reúne um conjunto de edifícios religiosos e seculares, destinados a acolher os crentes, em busca de cura para os seus males. Entre eles está o magnífico anfiteatro, em cujas representações se proporcionava a *catharsis*. A tragédia, como a música têm uma função terapêutica no sentido de procurarem alívio para o excesso de emoção, sendo ao mesmo tempo esta libertação, que é acompanhada por uma sensação de prazer, um regresso a um estado natural. O herói trágico, condenado a um destino inexorável que deve aceitar, ensina o espectador que “a verdadeira felicidade está na virtude” (Séneca, 2008:59). C. G. Jung daria muitos anos mais tarde uma outra resposta à mesma questão: a literatura representa o ajustamento compensatório que o inconsciente colectivo produz em estados de desadaptação ou desequilíbrio, através do poeta ou do artista e da sua obra. O processo criativo consiste por conseguinte:

Na activação inconsciente de uma imagem arquetípica e na modelação e transformação desta imagem na obra acabada. A função do artista é traduzi-la em linguagem moderna e possibilitar-nos o reencontro com as fontes de vida originais. (...) Deste modo a arte educa o

espírito de cada época trazendo ao de cima as formas de que esta mais necessita. O desejo insatisfeito do artista reporta-se à imagem primordial do inconsciente que melhor se ajuste e compense a inadequação e unilateralidade do presente. O artista apodera-se desta imagem e ao arrancá-la da profundidade do inconsciente, coloca-a em relação com os valores conscientes, transformando-a até poder ser aceite pelo espírito dos seus contemporâneos em função das suas capacidades (...); deste modo a arte representa um processo de auto-regulação na vida das nações e das várias épocas (Jung, 1971: 82-83).

A arte, e por conseguinte a literatura, é vista como um grande contribuinte para o equilíbrio psicológico da comunidade, para além do seu valor intrínseco e individual.

No plano filosófico Paul Ricoeur é um dos autores que vem centrar na narrativa a compreensão do sujeito, de si; o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa; somos personagens e identidades em narrativas próprias e de outros, que connosco entrecruzam as suas experiências de vida. A sua obra fornece uma estrutura conceptual fundamental para o desenvolvimento de áreas como a psicologia narrativa, interessada na aplicação concreta do “carácter narrativo da conduta humana” (Sarbin, 1986). Se para conseguir construir uma coerência para a natureza caótica da experiência, o indivíduo necessita de a organizar narrativamente (Gonçalves, 2002:43), o acesso à felicidade poderá também resultar do mesmo percurso. A literatura pode servir como processo através do qual se constrói o significado da felicidade a partir da experiência. O desenvolvimento das ciências cognitivas e neurocognitivas trouxe novas formas de perceber como se criam pontes entre os órgãos da cognição e a emoção estética provocada pela literatura. Até que ponto a consciência de si, aprofundada por António Damásio na sua investigação, requer uma consciência narrativa? Até que ponto é que a formação da consciência de si implicou como condição absolutamente necessária a narrativização, a reformulação constante e criativa de novas situações, a partir de imagens diversas como forma de

autoestruturação? Norman Holland (2009) refere que, se todas as culturas humanas possuem alguma forma de literatura, isso significa muito simplesmente que o ser humano obtém prazer, satisfação, na forma como o cérebro lida com este objecto; a percepção que temos de uma realidade (que pode ser literária) é uma espécie de reconstrução a partir de modelos guardados na memória; estes são usados para “projectarmos as nossas expectativas no mundo construindo-o também para além de apenas o percepcionar”; este mundo inclui a obra literária; a minha compreensão do enunciado de um poema ou de uma narrativa não se limita ao texto em si mas inclui a recuperação de expectativas baseadas em memórias e associações anteriores (Holland, 2009: 127-8). A literatura e as imagens por ela construídas podem assim estimular a encenação de processos de transformação psicológica.

Fora do âmbito da experiência interior a literatura pode aproximar-se da felicidade através da sua capacidade de veicular contestação, liberdade e tolerância, mas desloca desta forma o seu foco para um bem estar social mais relativizante e muito menos subjectivo. É partindo da reflexão sobre este binómio que Eric G. Wilson (2008) chama a atenção para a recente obsessão americana com a felicidade, para a falsidade que constitui avaliar este estado de espírito num mundo ponteado de tragédia, ignorando situações concretas em favor de abstracções irrealistas e estáticas, rejeitando a agitação, a melancolia e a inquietação que podem ser necessárias ao impulso criativo.

Parece-nos portanto, que, como construção cultural de diferentes concepções em épocas diferentes, a felicidade, seja individual ou social é sempre “enraizada”, isto é, “corporizada”, “embodied” num tempo e num espaço específicos e de forma correspondente num determinado texto literário, num discurso onde se cruzam todas as dimensões incluindo a inquietação ou a ausência de felicidade. A imagem da felicidade no texto literário é assim, partindo do raciocínio de Lakoff, uma grande metáfora do tempo e do espaço em que se vive.

Por exemplo, na tragédia *Rei Édipo*, o estásimo IV sublinha a fragilidade da ventura humana perante o destino e a submissão inapelável dos mortais às decisões deste:

Ó gerações dos mortais,

Como a vossa vida ao nada

se me iguala!

Que homem, sim, que homem

da ventura mais possui

do que a aparência de a ter,

e uma vez tida, de cair no ocaso?

Sim, com o teu exemplo,

Com o teu destino – o teu!...

ó desdito Édipo, os mortais

em nada vejo afortunados (Sófocles, 1997: 137)

Dois mil anos mais tarde o humanista cristão Erasmo de Roterdão procuraria sublinhar o papel do intelecto e liberdade humanos defendendo, ironicamente, no Elogio da Loucura (1511) que “quanto maior for a sabedoria menos feliz [é] a vida” (Erasmo, 1989: 23):

Entre os mortais, os que estão mais longe da felicidade são os que estudam a sapiência. Duas vezes estultos, olvidam que nasceram homens, querem ter a vida imortal dos deuses: e a exemplo dos gigantes, com as máquinas das disciplinas declararam guerra à Natura. Vede que são menos míseros os que se aproximam da animalidade e da estultícia e que nada tentam para além da humanidade. (...) Dizei-me, pelos deuses imortais! Se há gente mais feliz que aquela espécie de homens que o vulgo denomina loucos, estultos, fátuos ou ingénuos, cognomes belíssimos na minha opinião? (Erasmo, 1989: 56-7)

É claro que esta loucura é a sabedoria e o conhecimento da verdade, que juntamente com o conhecimento de Deus poderia levar o homem à felicidade. Mas a felicidade não é ainda encarada como um objectivo a que todos os seres humanos têm direito. Esta noção, que continua implícita em todas as actuais buscas obsessivas de escalarpelizar a Felicidade, surgira com Rousseau. É com ele que a Felicidade se desliga da religião passando a pertencer, com total liberdade, ao eu subjectivo do homem natural. Ao desejar, ao procurar progredir para ser mais feliz, o homem pode destruir a própria felicidade. O que descreve em *Rêveries du promeneur solitaire* (1778), já no final da vida, é, no fundo, resultado da ânsia de alcançar um momento de equilíbrio extático e neutro, próximo da ausência de desejo, uma felicidade que se pretende duradoura e não fugidia. Os momentos de delírio e paixão são apenas pontos demasiado rápidos e raros na linha da vida para poderem constituir um estado simples e permanente e duradouro de suprema Felicidade<sup>1</sup>:

Aussi n'a-t-on guère ici-bas que du plaisir qui passe; pour le bonheur qui dure je doute qu'il y soit connu. A peine est-il dans nos plus vives jouissances un instant où le coeur puisse véritablement nous dire : je voudrais que cet instant durât toujours ; et comment peut-on appeler bonheur un état fugitif qui nous laisse encore le cœur inquiet et vide, qui nous fait regretter quelque chose avant, ou désirer encore quelque chose après ? Mais s'il est un état où l'âme trouve une assiette assez solide pour s'y reposer tout entière et rassembler là tout son être, sans avoir besoin de rappeler le passé ni d'enjamber sur l'avenir ; où le temps ne soit rien pour elle, où le présent dure toujours sans néanmoins marquer sa durée et sans aucune trace de succession, sans aucun autre sentiment de privation ni de jouissance, de plaisir ni de peine, de désir ni de crainte que celui seul de notre existence, et que ce

<sup>1</sup> Ces courts moments de délire et de passion, quelque vifs qu'ils puissent être, ne sont cependant, et par leur vivacité même, que des points bien clairsemés dans la ligne de la vie. Ils sont trop rares et trop rapides pour constituer un état, et le Bonheur que mon cœur regrette n'est point composé d'instants fugitifs mais un état simple et permanent, qui n'a rien de vif en lui-même, mais dont la durée accroît le charme au point d'y trouver enfin la suprême félicité. (Rousseau, 1782:44-45)

sentiment seul puisse la remplir tout entière; tant que cet état dure celui qui s'y trouve peut s'appeler heureux, non d'un bonheur imparfait, pauvre et relatif tel que celui qu'on trouve dans les plaisirs de la vie, mais d'un bonheur suffisant, parfait et plein, qui ne laisse dans l'âme aucun vide qu'elle sente le besoin de remplir. Tel est l'état où je me suis trouvé souvent à l'île de Saint-Pierre (Rousseau, 1782: 44-45)

A definição da Felicidade é agora mais complexa, uma vez que envolve a percepção e desejo individuais, mas também o progresso social, ainda que sempre “enraizada” num tempo e espaço definidos. “Happiness” (1887) de Chekhov e *The Pastures of Heaven* (1932) de John Steinbeck ilustram-no bem; o primeiro texto apresenta-nos dois pastores pobres que, enquanto guardam o rebanho conversam com um supervisor de condição social e cultural mais elevada, acabando a conversa por centrar-se, no final apenas entre os dois pastores, na existência de tesouros escondidos que dificilmente são encontrados por estarem, na opinião do pastor mais velho, sob um encantamento; a felicidade, identificada com o tesouro, existe, mas é tão inacessível aos dois pastores que o mais velho, depois de afirmar que tentaria a sua sorte escavando, acaba por não dizer o que faria com o achado; uma felicidade tão inacessível que se torna quase irreconhecível numa alusão simbólica clara à questão social:

There is fortune, but what is the good of it if it is buried in the earth? It is just riches wasted with no profit to anyone, like chaff or sheep's dung, and yet there are riches there, lad, fortune enough for all the country round, but not a soul sees it! It will come to this that the gentry will dig it up or the government will take it away. The gentry have begun digging the barrows... They scented something! They are envious of the peasants' luck!

(...) Yes, so one dies without knowing what happiness is like. (Chekhov, 1887)

O texto de Steinbeck, cuja narrativa se localiza num tempo e espaço definidos, a Califórnia da primeira fase da Grande Depressão, parte de uma imagem edénica de felicidade cujas

contradições acabam por ser reveladas em tom irónico; a imagem é referida em todos os contos do volume e enfatizada no Prólogo e no Epílogo; no Prólogo através do contraste com a crueldade do oficial que descobre a beleza do vale e se deixa cativar por ele; no Epílogo através do distanciamento criado pelos turistas que, numa viagem de autocarro param para olhar a invejada tranquilidade do vale; ao longo dos contos, através do contraste entre a plenitude e riqueza da natureza e as vidas pobres e dolorosas dos habitantes do vale ou da frustração dos sonhos e ilusões dos protagonistas:

The disciplinarian corporal felt weak in the face of so serene a beauty. He who had whipped brown backs to tatters, he whose rapacious manhood was building a new race for California, this bearded savage bearer of civilization slipped from his saddle and took off his steel hat.  
(...) “It’s called Las Pasturas del Cielo,” the driver said. “They raise good vegetables there – good berries and fruit earlier here than any place else. The name means Pastures of Heaven.” (Steinbeck, 1964: 6 e 126)

A felicidade individual, apesar de ser um estado que todos podem livremente desejar é condicionada já não pelo destino ou por uma força divina superior mas pelo poder, pela natureza, pela comunidade, pela cultura.

O conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector ilustra ainda o peso do poder mas também a imagem de uma felicidade privada, provocada pela própria literatura. Nele são contrastadas duas rapariguinhas: uma gorda e baixa, com talento para a crueldade, que oferecia cartões postais em vez de livros, que morava numa casa e não num sobrado, que não lia “mas que possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: “um pai dono de livraria”; outra, a narradora, que vivia no sobrado, cuja ânsia de ler a levava a pedir o livro cuja entrega a colega ia adiando com pequenas mentiras. Um dia a mãe descobre esta situação e o livro acaba por ser emprestado pelo tempo que a narradora quisesse. O texto sublinha a perversidade da menina

mais abastada e a sua forma de exercer poder sobre as colegas mais bonitas e esguias e, no final, o estado de felicidade criado pela expectativa e pelo desejo da jovem mais pobre em relação ao livro e à leitura:

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha. Só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. (...) Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha dedicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançava-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante. (Lispector, 1991: 18)

Como metáforas do tempo e do espaço em que se vive, as imagens literárias da felicidade procuram, através do processo textual e narrativo a construção e a busca de novos e melhores significados para a vida humana; do mesmo modo que a dimensão narrativizante da experiência individual pode construir através da linguagem, da memória, e da consciência reflexiva um novo objecto de realidade, readjectivando a experiência através de uma nova simbolização narrativa (Gonçalves, 2002:129). Neste plano, são conhecidas as numerosas e bem sucedidas experiências

levadas a cabo por Augusto Boal a partir da década de setenta no Brasil (o Teatro do Oprimido), através da utilização da linguagem teatral na transformação da realidade das camadas sociais menos favorecidas, objectivando e reprojectando diálogos e conteúdos em sentidos mais construtivos e portanto mais felizes. Experiências semelhantes têm-se desenvolvido noutras países procurando trazer a arte e particularmente a literatura para a construção de uma identidade senão definitivamente mais feliz, pelo menos mais capaz de lutar pela construção de um espaço de felicidade. Nas palavras de Camus: “La lutte elle-même vers les sommets suffit à remplir un coeur d'homme. Il faut imaginer Sisyphe heureux”

## Bibliografia

- Chekhov, A. (1887), “Happiness” disponível em <<http://www.readbookonline.net/readOnline/1031/>> ac. Set 2010>.
- Erasmo (1989), *Elogio da Loucura*, trad. Álvaro Ribeiro, Lisboa, Guimarães, 1989.
- Gonçalves, Óscar (2002), *Viver Narrativamente*, Lisboa, Quarteto.
- Holland, Norman (2009) *Literature and the Brain*, Gainsville, PsyArt Foundation.
- Jung, C. G., “On the Relation of Analytical Psychology to Poetry” in *The Spirit in Man, Art and Literature, The Collected Works of C. G. Jung*, vol 15, London, Routledge, trad. R. F. C. Hull.
- Lispector, Clarice (1991), “Felicidade Clandestina” in *Felicidade Clandestina*, Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora (1<sup>a</sup>ed: 1971).
- Rousseau, J. J. (1782), *Les rêveries du promeneur solitaire* disponível em <[www.feedbooks.com/book/3074.pdf](http://www.feedbooks.com/book/3074.pdf)> ac. Set 2010.
- Séneca (2008), *Da Vida Feliz*, trad, introd e notas de João Forte, Lisboa, Relógio d’Água.
- Steinbeck, J. (1964), *The Pastures of Heaven*, London, Transworld.
- Wilson, Eric G (2008), *Against Happiness – in praise of melancholy*, New York, Sarah Crichton Books.
- Sarbin, T. (ed) (1986), *Narrative Psychology: the storied nature of human conduct*, Westport, Praeger, disponível em <<http://www.questia.com/read/25984451>>, ac Out.2010.
- Sófocles (1997), *Rei Édipo*, Lisboa, Ed. 70.